

# Bienal Anozero regressa dividida em dois momentos e com curadoria no feminino

**P**ublico.pt/2021/11/04/culturaipsilon/noticia/bienal-anozero-regressa-dividida-dois-momentos-curadoria-feminino-1983677

Camilo Soldado

## Cultura-Ípsilon

# ípsilon

Elfi Turpin e Filipa Oliveira dedicam a edição 2021 da bienal de Coimbra, que arranca no próximo dia 27, ao tema da meia-noite. As exposições colectivas ficam para 2022.



Foto

*Occupy* (2020), a instalação que Carlos Bunga vai adaptar a Coimbra para a bienal Anozero Cortesia do artista, da Galeria Elba Benitez e da Alexander and Bonin

Pela primeira vez desde 2015, ano do lançamento do Anozero, a bienal de arte contemporânea de Coimbra, a curadoria será assumida por duas mulheres, Elfi Turpin e Filipa Oliveira. Também numa estreia, a programação da edição 2021 dividir-se-á em dois momentos: no primeiro, que vai de 27 de Novembro a 15 de Janeiro, uma instalação de Carlos Bunga serve de plataforma para a exibição de quatro filmes, com temas que ajudam a preparar o terreno para as exposições colectivas, que abrem ao público no próximo ano, entre 9 de Abril e 26 de Junho.

A conhecida colónia de morcegos que a habita a Biblioteca Joanina, alimentando-se de insectos que poderão corroer os livros antigos, serviu de ponto de partida para pensar o que seria o Anozero 2021, refere ao PÚBLICO a curadora Elfi Turpin, que retoma em Coimbra o trabalho em conjunto com Filipa Oliveira, numa relação que começou com a exposição *Der Leone Have Sept Cabeças*, em 2014. *Meia-Noite*, o tema desta edição, convoca essa perspectiva dos animais noctívagos que habitam um espaço colonial, que

conservam os livros mas nunca os lerão, para reflectir sobre formas alternativas de produção de conhecimento, diz Filipa Oliveira, na mesma entrevista a este jornal, por videochamada.



Foto

As curadoras Elfi Turpin e Filipa Oliveira assumem que há uma perspectiva feminista por trás desta edição do Anozero DR

O mote comporta também uma lente feminista, uma forma ver o mundo e a arte, acrescenta a curadora. Socorre-se da expressão popular “à noite todos os gatos são pardos” para falar de “uma certa fluidez de definição das coisas, dos contornos do corpo” e explicar a escolha do tema. “E ser feminista não é apenas uma questão de igualdade entre homens e mulheres. É uma visão inclusiva do mundo, de pensar além do patriarcado”, diz. Esta visão, prossegue Filipa Oliveira, reflecte-se não apenas na selecção dos artistas, mas também na forma como a dupla não impõe uma “voz curatorial”, querendo discutir com outras estruturas da cidade a bienal que é co-organizada pelo Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), pela Universidade de Coimbra (UC) e pela câmara municipal

## Diálogo com a cidade

---

Essa vontade começa a tomar forma no primeiro momento, com a exibição dos quatro filmes na instalação de Carlos Bunga, desenhada para a Sala da Cidade (o antigo refeitório do Mosteiro de Santa Cruz, junto à câmara municipal). “Convidámos vários grupos de Coimbra – escolas, pessoas mais velhas, polícias, empresas, professores, associação de

estudantes - a virem discutir connosco o significado de cada filme. A ideia é que, no fim, cada grupo faça uma pergunta à cidade e à bienal”, explica Filipa Oliveira, que é também programadora de artes visuais do município de Almada. “Não estamos a impor uma ideia, mas a levantar questões, a abrir caminho à pesquisa, à investigação, ao diálogo, e a tentar ter um pensamento mais igualitário”, menciona.

Até 15 de Janeiro, serão projectados quatro filmes no espaço pensado por Carlos Bunga: *La cabeza que mató a todos*, de Beatriz Santiago Muñoz, *Les mains négatives*, de Marguerite Duras, *À Bissau, le Carnaval*, de Sarah Maldoror, e *Shadow-machine*, de Elise Florenty & Marcel Türkowsky.

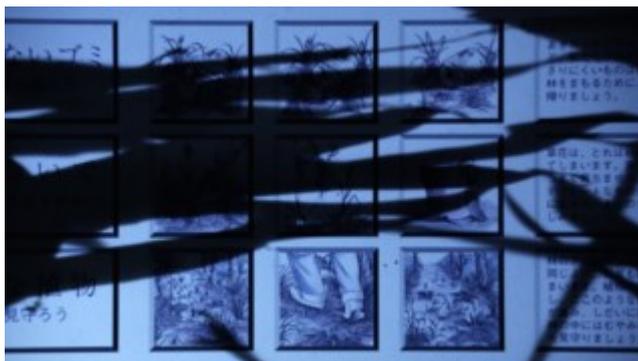


Foto  
O filme *Shadow-machine*, de Élise Florenty & Marcel Türkowsky DR

O formato da bienal de Coimbra, que tinha por hábito apresentar as exposições em vários espaços da cidade nos últimos meses do ano, acabou por ser alterado por causa da pandemia, explicam as curadoras, a contas com os adiamentos e restrições às viagens dos artistas. “Começou com uma decisão prática, de ter de repensar os *timings* da bienal, mas também queríamos ter este momento de conversa com a cidade”, menciona Filipa Oliveira.

## Em paralelo, a convergir

---

Ainda antes da abertura da instalação e da exibição dos filmes, arranca a programação convergente do Anozero, com a realização do *workshop Mahalla: Journalisms of the South*, no CAPC, na próxima terça-feira. Com a moderação de Irina Velicu, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, e a participação dos jornalistas Micael Pereira, do *Expresso*, e Cândida Pinto, da RTP, a oficina tem com objectivo, “debater os modos como a investigação jornalística está a reproduzir problemas sistémicos, alimentando estruturas de poder patriarcais, racistas e capitalistas e excluindo aqueles que se encontram nas margens”, refere a organização.

Nos dias 16 e 17 deste mês decorre o colóquio *Coimbra 30-2030*, organizado pelos arquitectos José António Bandeirinha, Luís Miguel Correia e Carolina Coelho, que pretendem apresentar outra perspectiva da evolução da cidade de Coimbra, dos romanos aos dias de hoje. Ligada ao colóquio está a exposição fotográfica de Jorge das Neves, *Pharmakon: Remédio-veneno-bode expiatório*, em exibição de 17 de Novembro a 17 de Janeiro, no CAPC do Jardim da Sereia.

Na programação convergente há ainda espaço para os alunos do mestrado em Estudos Curatoriais do Colégio das Artes da UC, na exposição *No sonho do homem que sonhava, o sonhado acordou*, que estará no CAPC Sede, de 27 de Novembro a 15 de Janeiro.

---